



LIVRO DE SUMÁRIOS

FILOSOFIA

Disciplina: FILOSOFIA DO CONHECIMENTO I
Docente: Sofia Miguens
Ano lectivo: 2002-2003

5
65(1)

Outubro 7, AULA 1

T/P, 14:30-16:30

Apresentação do Programa. As opções subjacentes: (i) filosofia contemporânea, (ii) teoria da mente e do conhecimento como meta-teoria das ciências cognitivas. As ciências cognitivas: quais são. Passos na progressão do Programa: Parte I, Introdução à teoria da mente do conhecimento, Parte II, História das ciências cognitivas, Parte III, Filosofia da Mente (autores e problemas), Parte IV, A questão da naturalização da epistemologia. Comentário à Bibliografia. Referência aos Textos de Apoio.

Normas de Avaliação. Referência às condições de elaboração de um trabalho de pesquisa (regra: um trabalho complementar no âmbito da disciplina terá um peso de 25%). Hora de atendimento: sugestão das 3^{as} feiras (manhã), contactos por e-mail. Distribuição de um inquérito aos alunos (relativo ao uso de línguas, meios informáticos e experiência prévia em trabalhos de pesquisa). Recomendação de S. Blackburn, *Dicionário de Filosofia*, para o acompanhamento da cadeira.

O problema epistemológico: crenças e justificação das crenças. A mente: intencionalidade (*aboutness*) e *qualia*. Referência à definição tripartida de conhecimento como 'crença justificada e verdadeira'.

Outubro 9, AULA 2

T/P, 14:30-16:30

Objectivo global da teoria da mente e do conhecimento: análise da estrutura dos agentes cognitivos. Mente: crenças e *qualia*. O corpo das crenças. A imagem quineana (W. V. Quine: 1908-2000) do corpo das crenças como uma rede ou teia. Metáforas do estado do corpo das crenças no que respeita à justificação: existência ou não existência de crenças básicas, que *fundam ou sustentam* o conjunto das crenças. Crenças básicas e auto-justificação. Fundacionalismo (exemplos: o cartesianismo e o empirismo, as crenças básicas correspondentes – cogito e crenças acerca de experiência sensorial). Coerentismo: A imagem do Barco de Neurath. (Teoria do Conhecimento – Léxico mínimo, Bloco de Textos n°1).

Fontes de crença: percepção, memória, razão, consciência ou introspecção, testemunho. Uma outra hipótese: inatismo. Nova formulação da questão epistemológica: 'Como é que sabes...?'. Os problemas (metafísicos, epistemológicos, éticos, estéticos,...) da filosofia e a análise de ideias e práticas usualmente tomadas como garantidas. Na origem dos problemas da filosofia: o hiato subjectivo / objectivo. A inexistência de uma 'view from nowhere' (T. Nagel). Início da leitura de extractos do livro de T. Nagel *O que quer dizer tudo isto? Uma Introdução à Filosofia* (Bloco de Textos n°1).

Outubro 14, AULA 3

T/P, 14:30-16:30

A 'arquitectura' do corpo das crenças de um agente: fundacionalismo versus coerentismo. Continuação da leitura e comentário do livro de T. Nagel *O que quer dizer tudo isto? Uma Introdução à Filosofia* (Capítulo 2, Bloco de Textos n°1). Resumo da argumentação de Nagel. Significado de 'acesso directo à mente própria'. O solipsismo: características: (i) apenas existem as minhas experiências, (ii) o que existe é de natureza mental, (iii) corte com o mundo exterior. Diferença entre solipsismo e cepticismo acerca do mundo exterior. Formulação do cepticismo acerca do 'mundo exterior independente e continuado' como tese mais fraca do que o solipsismo (nomeadamente quanto a (ii) e (iii)). A especificação temporal da afirmação 'apenas estou certo das minhas experiências': o problema de B. Russell (1872 – 1970) acerca das crenças de memória. Argumentos contra o cepticismo acerca do mundo exterior e forma de rebater esses argumentos: impossibilidade de conhecer a natureza das 'supostas causas' das experiências,

estatuto do princípio segundo o qual 'tudo o que ocorre tem uma razão' (referência à formulação leibniziana '*Nihil est sine ratione*').

Questões ontológicas relativas a realismo e idealismo (ou anti-realismo) trazidas pelo cepticismo. Definições de realismo e idealismo. Definição de realidade como observabilidade, razões para a aceitar / rejeitar. A forma humeana de resolver o cepticismo: a crença fundamental acerca da existência do mundo real exterior não é fundada na razão. Consequências: a fundação ou fundamentação como característica local da teia das crenças; um grande número de crenças que podem perfeitamente ser falsas.

Outubro 21, AULA 4

T/P, 14:30-16:30

Cepticismos: clássico, cartesiano, humeano (comparação). Alguns dados históricos acerca de cepticismo (Bloco de Textos nº1, S. Miguens, Introdução à teoria da mente e do conhecimento, ponto 6). Cepticismo clássico: *epochê* e abdicação do inquérito racional. Cepticismo cartesiano: uma estratégia tendo em vista a fundamentação. Cepticismo humeano: falibilismo. Recapitulação da argumentação do capítulo 2 de T. Nagel, *O que quer dizer tudo isto?* A forma humeana de resolver o cepticismo: estatuto da crença fundamental acerca da existência do mundo real exterior, fundação ou fundamentação como característica local da teia das crenças, um grande número de crenças possivelmente falsas. O que está em causa no confronto entre os cepticismos cartesiano e humeano: voluntarismo e racionalismo na 'gestão da vida mental de um agente'. A ligação historico-filosoficamente exemplar da figura de Descartes ao voluntarismo e ao racionalismo. Questões acerca da dimensão voluntária e explícita das crenças: nova caracterização de 'o que é acreditar em...', crenças como pretensões de verdade (*truth-claims*) não necessariamente explícitas. Um tipo especial de cepticismo: o problema das outras mentes (T. Nagel *O que quer dizer tudo isto? Uma Introdução à Filosofia*, Capítulo 3, Bloco de Textos nº1). *Qualia* e outras mentes: J. Locke (1632-1704) e o espectro invertido. Autismo, *mindreading* e *mindblindness*.

Outubro 23, AULA 5

T/P, 14:30-16:30

O problema das outras mentes: resumo da argumentação de Nagel. Se não temos acesso directo ao interior de outras mentes, por que razão acreditamos que outros seres se sentem ser? Necessidade de especificar aquilo de que falamos quando falamos de 'consciência'. Sugestões: razão, alma, *qualia* (what it's like to be), estado de vigília, apercebimento do exterior, distinção si-não si, pensamentos acerca de pensamentos, aquilo que é referido através da palavra 'Eu'. Razões para a imputação de mentalidade a outras partes do mundo: a importância do caso do autismo como argumento a favor da existência de um módulo mental para *mindreading*. 'Módulo', definição: sub-componente funcional da mente. Exemplo de paradigma experimental (psicologia cognitiva e crenças acerca de crenças): a necessidade de habilidades cognitivas para lidar com situações em que o conhecimento próprio não é suficiente para fazer sentido do que se está a passar no mundo.

Outubro 28, AULA 6

T/P, 14:30-16:30

O problema mente-corpo. Questões acerca daquilo que basicamente há. 'Ontologia' e 'metafísica', definições. O problema mente-corpo como reflexo (na concepção da natureza dos humanos) da visão metafísica/ontológica acerca da natureza da realidade. Posições perante o problema mente-corpo: dualismo (Descartes, 1596 – 1650), monismo / materialismo / fisicalismo (grande parte da filosofia da mente contemporânea), teoria do aspecto dual (T. Nagel, Espinosa (1632-1677)).

Uma perspectiva histórica acerca das questões da mente e do conhecimento (referência: R. Rorty, *A Filosofia e o Espelho da Natureza*). Origem – frequentemente metafórica – dos termos teóricos. A abordagem religiosa: a mente ou alma e o Problema da personalidade (individualidade e destino após a morte). A abordagem platônica e aristotélica: o Problema da Razão. Mente e conhecimento em Platão e em Aristóteles. Psychê platônica e psychê aristotélica: a ideia de corpo como túmulo da alma em Platão e o 'encaixe' aristotélico das almas vegetativa, sensitiva, intelectiva. Platão e Aristóteles: a *theoria* como visão dos universais.

Outubro 31, AULA 7

T/P, 14:30-16:30

Teoria da mente e do conhecimento e historicidade: como foi pensada a natureza do pensamento. A ideia de 'ideia' em Platão (objecto no Mundo Inteligível), Aristóteles (forma, nas coisas, abstraída pelo intelecto) e Descartes (imediatidade com o espírito, objecto na consciência). Descartes e a des-naturalização da mente: mente como consciência, mente como imaterialidade. Posição do espírito no 'centro' da concepção de realidade e idealismo. Da metafísica à epistemologia: a realidade do pensamento funda o conhecimento do mundo. O fundacionalismo. A justificação pela fundação no pensamento da actividade da ciência natural (conhecimento científico como conhecimento da essência 'pensada' do mundo físico (*res extensa*)). De '*Cogito ergo sum*' a '*Res cogitans sum*': salto infundado? A invenção de uma esfera interna de observação das ideias. Paradoxos da noção cartesiana de mente como consciência. Da mente cartesiana ao sujeito kantiano. Mente como estruturas a priori do sujeito e filosofia como discurso transcendental. Do númeno kantiano pensado como liberdade ao Idealismo e ao Romantismo.

Novembro 4, AULA 8

T/P, 14:30-16:30

Uma perspectiva histórica das questões da mente e do conhecimento. Os sentidos atribuídos por vários filósofos às palavras 'mente' e 'conhecimento'. A atenção à 'vocação epistemológica da filosofia' e à forma como a filosofia configura a sua relação com as ciências. Diferença entre 'vocação epistemológica' e 'centração epistemológica' (Rorty) da filosofia.

Da mente cartesiana ao sujeito kantiano. Descartes: Mente como consciência e filosofia como fundamentação metafísica da ciência. Kant: Mente como estruturas a priori do sujeito e filosofia como discurso transcendental. Kant: o apriorismo ou transcendentalismo não é um inatismo nem um imaterialismo. O que é o sujeito transcendental. Diferença entre 'transcendental' e 'transcendente'. As críticas e o transcendentalismo nas várias áreas: cognitiva, ética, estética. Kant como marco da separação história da filosofia relativamente às ciências. A separação fenómeno-númeno e a interpretação do númeno como Liberdade. A herança dessa interpretação, nomeadamente no Romantismo e no Idealismo Alemão (referência a Hegel, Espírito como Liberdade, Espírito Absoluto). A relação filosofia / ciências no pensamento pós-kantiano, a rejeição da Razão como abordagem do mundo. A vocação existencial e ético-política da grande filosofia do século XIX (referências a Kierkegaard, Nietzsche, Schopenhauer, Marx). Um certo esquecimento da 'vocação epistemológica da filosofia'. As duas grandes linhagens da filosofia do século XX: a filosofia analítica e a fenomenologia e o confronto filosofia/psicologia. Os problemas que lhes deram origem. Referência a Frege e Husserl.

Novembro 6, AULA 9

T/P, 14:30-16:30

O afastamento entre filosofia analítica e filosofia continental. De Husserl e Frege aos seus discípulos Heidegger e Wittgenstein; diferenças no método filosófico. As origens da filosofia analítica: o empirismo do século XVIII, a lógica formal, o positivismo lógico. O critério de

significação do positivismo lógico. A influência do *Tractatus* de Wittgenstein nesse critério. O 'sentido' e o 'sem-sentido'. O estatuto das tautologias, o estatuto das frases com conteúdo empírico e o estatuto da transgressão dos limites da linguagem. Quine: a crítica ao empirismo dos positivistas lógicos.

Novembro 11, AULA 10

T/P, 14:30-16:30

As duas grandes linhagens da filosofia do século XX: fenomenologia e filosofia analítica. As suas visões semelhantes quanto ao propósito da filosofia: o estudo des-psicologizado do pensamento. Contexto: o estabelecimento da psicologia como ciência empírica. De Frege e Husserl (definidores iniciais da filosofia analítica e da fenomenologia) aos seus discípulos Heidegger e Wittgenstein (referência a *Sein und Zeit* e *Tractatus Logico-Philosophicus*). 'Positivismo lógico'. O critério de significação do positivismo lógico. A influência do *Tractatus* de Wittgenstein nesse critério. O 'sentido', o 'vazio de sentido' e o 'sem-sentido'. O estatuto das tautologias, o estatuto das frases com conteúdo empírico e o estatuto das frases que transgridem os limites da linguagem. A diferença entre Wittgenstein e os positivistas lógicos quanto à 'transgressão das fronteiras do sentido'. Noções de 'analítico' e 'sintético' como foco da discussão. A forma como uma discussão acerca de linguagem (i.e. acerca de frases analíticas e sintéticas) tem repercussões na concepção das relações entre ciência e metafísica. W. V. Quine e a crítica ao empirismo dos positivistas lógicos: início da descrição da argumentação de *Two Dogmas of Empiricism*. Os dois dogmas: (i) distinção analítico / sintético e (ii) reducionismo. Quem professa os dogmas. Quem procura desconstruí-los enquanto dogmas. A imagem do estatuto do conhecimento que fica, uma vez afastados os dogmas: holismo e pragmatismo, naturalização da epistemologia.

Novembro 18, AULA 11

T/P, 14:30-16:30

Século vinte: os problemas do conhecimento tratados como *problemas de linguagem*. A questão do 'analítico' e do 'sintético'. Frases analíticas e sintéticas de acordo com os positivistas lógicos e com Wittgenstein (*Tractatus*). Recapitulação das concepções daquilo que é pensável / dizível com sentido: o critério de significação do positivismo lógico, a doutrina do sentido (*sinnvoll*) / vazio de sentido (*sinnlos*) / sem-sentido (*unsinning*) de Wittgenstein (*Tractatus*). O que cabe, respectivamente, à filosofia e à ciência de acordo com o positivismo lógico. As diferentes concepções do 'sem-sentido' dos positivistas lógicos e de Wittgenstein.

A doutrina de Quine acerca de analítico e sintético: marco da teoria do conhecimento do século vinte. Esquematização da argumentação de Quine em *Two Dogmas of Empiricism* (Bloco de textos nº1, esquemas finais). Dogma 1 (distinção analítico/sintético): explicitação. Dogma 2 (reducionismo): explicitação. Formas de configurar as relações entre crenças e experiência: a forma criticada por Quine (correspondência um a um crença-1 / mundo, crença-2 / mundo). Forma defendida por Quine: relação entre a totalidade do corpo das crenças e a experiência. Holismo. A estrutura do corpo das crenças segundo Quine: periferia, núcleo. Inexistência de situações de veredicto definitivo (em que uma experiência infirma uma crença). A ideia quineana de acordo com a qual nenhuma das crença do corpo de crenças (nem mesmo as 'melhor entrincheiradas, mais centrais', como as relativas à lógica) é totalmente invulnerável à revisão. Repercussão desta doutrina quanto a conhecimento e linguagem na relação filosofia / ciências (continuidade entre filosofia e ciência num mesmo inquérito racional). A ideia quineana de *epistemologia naturalizada*.

Novembro 25, AULA 12

T/P, 14:30-16:30

A argumentação de Quine a favor de uma epistemologia naturalizada. A investigação da cognição como prática da ideia quineana de epistemologia naturalizada: nem apenas filosofia, nem apenas ciência. A História das Ciências Cognitivas (mapa conceptual). A história da lógica e a metáfora fundadora do paradigma cognitivista (Bloco de Textos nº1 – esquema): 'a mente está para o cérebro como o software para o hardware'. O que é 'metáfora', o que é 'paradigma'. Ideia de 'Lógica'. A diferença entre Aristóteles por um lado e G. Boole / G. Frege por outro: o uso de linguagens simbólicas.

Primeira referência à ideia de computador como Máquina de Turing Universal. A ideia de uma máquina abstracta (uma prótese 'cognitiva', e não de alguma função corpórea relacionada por exemplo com força, destreza ou acuidade sensorial). Sistemas formais (SF): exemplo de D. Hofstadter em *Gödel, Escher Bach*: o sistema MIU. Captação intuitiva do que significa mover-se 'dentro' de um SF. Axiomas, regras, derivação.

Descrição global do percurso intelectual que conduziu às 'máquinas de cognição': tradução de linguagens naturais em linguagens formais, 'tradução' de cadeias simbólicas em termos de VVs e FFs, 00s e 11s, inscrição na matéria. Interpretação do que se passa no cérebro de acordo com esse esquema: disparos e não disparos de neurónios. Nova compreensão da metáfora cognitivista.

Novembro 27 Aula 13

T/P, 14:30-16:30

Recapitulação e discussão: *de que forma se relaciona a ideia quineana de epistemologia naturalizada com o estado actual das investigações sobre cognição?* Os elementos a convocar na resposta à questão. Passos: (i) o que é a epistemologia naturalizada, (ii) que concepção das relações filosofia / ciências envolve (continuidade filosofia-ciência), (iii) como é que Quine chega a essa concepção. (iv) uma doutrina acerca de linguagem e conhecimento por trás da concepção geral acerca das relações filosofia / ciências: as teses de Quine acerca de 'analítico' e 'sintético', (v) o que significam 'analítico' e 'sintético' numa primeira abordagem, (vi) quem defende uma distinção entre 'analítico' e 'sintético', (vii) a distinção analítico / sintético considerada como 'dogma', a razão por que Quine contesta esse dogma (viii) holismo versus 'reduccionismo'. (ix) o que é que significa o holismo como imagem acerca da teia das crenças e da forma como revemos as crenças? A relação entre holismo e estrutura interna da teia das crenças: onde ficam crenças lógicas, históricas, perceptivas. 'Núcleo' e 'bordos'. (x) aplicação destas ideias epistemológicas (i-ix) à investigação da cognição.

O que se faz quando se faz investigação em ciências cognitivas: um mesmo objecto (a cognição, o mental), diferentes métodos. Uma origem de ideias orientadoras na investigação sobre cognição: a história da lógica.

Novembro 28 Aula 14

T/P, 14:30-16:30

Leitura do texto de Daniel Andler *O que são as ciências cognitivas?* (Bloco de Textos nº2). Caracterização dos princípios filosóficos do paradigma cognitivista: 1. Funcionalismo, 2. Representacionalismo, 3. Computacionalismo. Caracterização de um sistema cognitivo ao nível físico e ao nível informacional-funcional. Ideia de 'fiscalismo não reducionista'.

De novo, a história: máquinas de simular (parcialmente) cognição, a entrada em cena das linguagens simbólicas (Boole, Frege), as tentativas de formalizar e axiomatizar o que se faz em determinadas áreas do pensamento (nomeadamente matemáticas) e a investigação no quadro dos sistemas formais (Hilbert), a investigação de propriedades e sistemas formais, referência ao teorema de Gödel (apelo ao exemplo de Hofstadter). O contexto para as investigações de Alan Turing. O conceito de Máquina de Turing – um 'autómato abstracto'. Uma 'descrição' dos 'elementos' da Máquina de Turing: estados internos, cabeça de leitura / escrita, tabela, fita,

marcas (cf. texto de R. Penrose, *Algoritmos e Máquinas de Turing*, Bloco de Textos nº2). Uma máquina que imita qualquer outra máquina: conceito de Máquina de Turing Universal.

Dezembro 2, Aula 15

T/P, 14:30-16:30

Pontos principais do texto de D. Andler *O que são as ciências cognitivas?* (Bloco de Textos nº2): recapitulação. Leituras do texto de R. Penrose (Capítulo *Algoritmos e Máquinas de Turing*, Bloco de Textos nº2)). Noção de algoritmo. Noções de Máquina de Turing e Máquina de Turing Universal.

Apresentação da figura de Alan Turing (guião distribuído aos alunos): (i) o trabalho como lógico, (ii) o trabalho como filósofo. A estrutura de *Computing Machinery and Intelligence* (1950).

Dezembro 4, Aula 16

T/P, 14:30-16:30

Por que razão teria A. Turing sentido necessidade de explicitar, enquanto 'filósofo', as implicações do seu trabalho como lógico? – O problema da natureza da inteligência. Leituras de *Computing Machinery and Intelligence* (1950) (Bloco de Textos nº4): (i) a questão 'Can Machines Think?' não pode ser tratada através de análise conceptual; (ii) a proposta de um teste; (iii) o estatuto desse teste, (iv) perguntas relevantes a colocar na situação de teste e domínios da inteligência; (iii) desconstrução dos argumentos do campo adversário (o exemplo do Argumento Teológico).

Dezembro 9, Aula 17

T/P, 14:30-16:30

A teoria da mente dos anos 50 aos anos 90 – os autores de referência (guião distribuído aos alunos). Alan Turing: (i) as duas vertentes do seu trabalho, (ii) a estrutura de *Computing Machinery and Intelligence* (1950), recapitulação. Análise da argumentação susceptível de ser apresentada contra a possibilidade de uma inteligência não humana. Listagem dos argumentos a considerar em *Computing Machinery and Intelligence*.

Dezembro 11, Aula 18

T/P, 14:30-16:30

A teoria da mente dos anos 50 aos anos 90: A. Turing. Duas questões gerais sobre *Computing Machinery and Intelligence*: (i) qual é o assunto geral do artigo? (ii) Qual é a eficácia dos argumentos em jogo?

Duas questões prévias à resposta à questão (ii) acima: (i) como se avalia argumentos, (ii) distinção entre os 'argumentos do lado contrário' e as objecções do próprio Turing. Aplicação desta distinção a uma recapitulação dos argumentos (1-6).

Breve introdução a Hilary Putnam e Jerry Fodor. *Minds and Machines* (1960) como manifesto funcionalista. Funcionalismo como oposição à Teoria da Identidade. Definição de Teoria da Identidade (tipo-tipo). *The Language of Thought* (1975) como explicitação ontológica do que está em causa nas investigações da cognição em termos de informação e computações.

Dezembro 16, Aula 19

T/P, 14:30-16:30

A teoria da mente dos anos 50 aos anos 90: Hilary Putnam. Referência bibliográfica: a tradução portuguesa de *A Nova Ciência da Mente - História da Revolução Cognitiva* (Howard Gardner). Análise de *Minds and Machines* (1960) (Bloco de Textos nº4). O argumento central, a oposição à Teoria da Identidade. As duas partes do artigo: (i) a proposta do funcionalismo como posição relativamente à filosofia da psicologia, (ii) o problema colocado por identificações teóricas tais

como 'A dor é estimulação de fibras-C' (problema de filosofia da ciência, afirmação de identidade obtida através da experiência, a posteriori).

Dezembro 18, Aula 20

T/P, 14:30-16:30

A teoria da mente dos anos 50 aos anos 90: Hilary Putnam. Esquematização do conteúdo de *Minds and Machines* (principais argumentos, análise dos exemplos).

A teoria da mente dos anos 50 aos anos 90: Jerry Fodor. Breve apresentação da obra de Fodor (dos anos 60 aos anos 90). O problema da Linguagem do Pensamento. A importância de *The Language of Thought* (1975) na história do pensamento sobre cognição. Línguas naturais e linguagem do pensamento.

Janeiro 6, Aula 21

T/P, 14:30-16:30

A teoria da mente dos anos 50 aos anos 90: Jerry Fodor, *The Language of Thought* (1975), leituras da Conclusão (Bloco de Textos nº4). Porquê a proposta de uma Linguagem do Pensamento? O princípio '*No representations, no computations, no computations, no mind*'. *Folk psychology*, posições das escolas behavioristas e cognitivistas em psicologia perante esta. Objecções ao behaviorismo: a psicologia cognitiva e os seus compromissos ontológicos. Mentalismo materialista. O estatuto da psicologia como ciência. A 'parte racional' da vida mental de agentes cognitivos. Racionalidade e interpretação de sequências causais como transformações de informação. Versões fortes e fracas da Hipótese da Linguagem do Pensamento. Razões por que as representações internas são concebidas por Fodor como uma 'Linguagem'.

Janeiro 8, Aula 22

T/P, 14:30-16:30

A teoria da mente dos anos 50 aos anos 90: Jerry Fodor, recapitulação da posição em filosofia da psicologia presente em *The Language of Thought* (1975). Thomas Nagel, *What is it like to be a bat?* (1974) (Bloco de Textos nº4). A consciência e a impossibilidade de redução. Complemento de filosofia da ciência: o que se entende por 'redução teórica', 'teoria', 'leis', 'contrafactuais', 'leis-ponte'. A importância do exemplo do morcego: (i) crença na presença de consciência, (ii) impossibilidade de imaginar o teor desta, (iii) essa impossibilidade não constitui razão suficiente para refutar (i).

Janeiro 13, Aula 23

T/P, 14:30-16:30

A teoria da mente dos anos 50 aos anos 90: Thomas Nagel, *What is it like to be a bat?* (1974) – leituras. Factos fenomenológicos. A impossibilidade de 'redução' da subjectividade no quadro do fisicalismo.

Introdução a John Searle: da filosofia da linguagem à filosofia da mente. Primeira descrição da experiência mental do Quarto Chinês.

Janeiro 15, Aula 24

T/P, 14:30-16:30

A teoria da mente dos anos 50 aos anos 90: John Searle, os argumentos contra o cognitivismo. 'Argumento' 1: a experiência mental do Quarto Chinês (leituras de *Minds, Brains and Programs*, 1980 (Bloco de Textos nº4), análise de algumas críticas dirigidas a Searle, análises das respostas de Searle). Argumento 2: a sintaxe não é uma propriedade física (leituras de *A Redescoberta da Mente*, 1992).

Janeiro 20, Aula 25

T/P, 14:30-16:30

A teoria da mente dos anos 50 aos anos 90 (recapitulação do segundo argumento de J.Searle contra o cognitivismo; caracterização da posição geral de J. Searle em teoria da mente: (i) consciência como 'essência' do mental, (ii) materialismo não reducionista).

Divisão entre os teóricos da consciência: distinção absoluta entre consciência e não-consciência (T. Nagel, J. Searle) versus continuísmo (a 'consciência' é uma forma de representação – D. Dennett).

Daniel Dennett: apresentação. Uma teoria do conteúdo e da consciência. *Intuition pumps* (experiências mentais, auxiliares da intuição), alguns exemplos. Leituras de *Multiple Drafts versus the Cartesian Theatre (Consciousness Explained, 1991)* (Bloco de Textos nº4). O ponto de vista (unificado) do observador e o processamento cognitivo a nível subpessoal. A metáfora do Teatro Cartesiano. A clareza das periferias: distinção nítida entre input e output. Problema do 'centro': processamento paralelo e distribuído da informação. A 'solução cartesiana'; um centro no cérebro como 'passagem' para uma alma unificada. Problemas acerca de (i) tempo dos veículos da representação versus (ii) tempo fenomenológico (o que fixa a sequência dos eventos no fluxo fenomenológico?): fenómeno phi, fenómeno phi com cor, 'a mulher que passa'. Interpretação 'orwelliana' e 'estalinista', o pressuposto comum da distinção consciência – não consciência. Os princípios do Modelo dos Esboços Múltiplos como forma de justificar 'torções temporais' evitando 'preenchimentos' e 'projecção para trás no tempo'.

Janeiro 22, Aula 26

T/P, 14:30-16:30

A teoria da mente dos anos 50 aos anos 90: D. Dennett, os princípios do Modelo dos Esboços Múltiplos como forma de justificar 'torções temporais', recapitulação. Identidade Pessoal e acção como problemas aplicados da teoria da mente. O Eu como representação e unificação virtual. Revisões (em torno da ideia quineana de 'epistemologia naturalizada').

Janeiro 29, Aula 27 (aula extra)

T/P, 16:30-18:30 T/P, 18:30-20:30

Revisões.



Sofia Cristina Aguiar